



Contribuições cristãs-novas na arquitetura brasileira: hipóteses sobre a capela de Santo Antônio, em São Roque – SP

New-Christian Contributions to Brazilian Architecture: Hypotheses about the Chapel of Santo Antônio, in São Roque – SP

João Lucas Vieira Nogueira*

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil
pedralispe@gmail.com

Resumo: Desvendar as contribuições cristãs-novas no processo de mestiçagem da cultura brasileira exige, em primeiro lugar, o estudo de uma contra-história em um mundo subterrâneo. Para tanto, é necessário trabalhar com vestígios, detalhes, pormenores, pequenas pistas indiciais que levem à construção de hipóteses, pois quase nunca existem documentos oficiais e provas palpáveis. Em segundo lugar, essa história subterrânea está imersa em uma cultura mestiça operada de maneira barroca, com os ilusionismos do paradoxo, das aproximações conflitantes, do relacionamento díspar e inusitado entre uma coisa e sua oposição, através das infinitas possibilidades que se apresentam entre, além e aquém das identidades e das oposições. Nesse contexto, se buscará evidências, através da análise de pequenos signos e da elaboração de diversas hipóteses da participação da cultura cristã-nova na composição mestiça da arquitetura popular brasileira, a partir do olhar atento para a capela de Santo Antônio, na cidade de São Roque, Estado de São Paulo.

Palavras-chave: Cristãos-novos. Arquitetura. Mestiçagem.

Abstract: Unraveling the New Christian contributions to the process of mestizagem in Brazilian culture requires, first of all, the study of an alternative history in a hidden world. To do this, it is necessary to work with traces, details, and small clues that lead to the construction of hypotheses, since official documents and tangible evidence are almost never available. Secondly, this subterranean history is immersed in a mestizo culture operated in a baroque style, with the illusions of paradox, conflicting approaches, and a strikingly different and unusual relationship between a thing and its opposition, through the infinite possibilities that present themselves between, beyond, and beneath identities and oppositions. In this context, evidence will be sought through the analysis of small deviations and the elaboration of various hypotheses regarding the participation of Christian-New culture in the mestizo composition of Brazilian popular architecture, by closely examining the chapel of Santo Antônio in the city of São Roque, in the state of São Paulo.

Keywords: New christians. Architecture. Miscegenation

* Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.



1 Pesquisa abduativa para uma história mestiça subterrânea¹

Estudar a participação sefardita na mestiçagem cultural brasileira é trabalhar quase sempre com hipóteses frágeis ou precárias. Trata-se de uma contra-história subterrânea, oculta, devido aos séculos de perseguição sofridos pela Inquisição. É uma pesquisa que acontece por meio de indícios, sem documentos oficiais, sem provas palpáveis, sem vestígios explícitos, por temas periféricos, sendo necessário buscar resíduos, dados marginais considerados reveladores e os “pormenores negligenciáveis”². Realiza-se através da elaboração de abduções e não de deduções, utilizando o pensamento de Charles S. Peirce. Para o autor, a abdução é um processo no qual ao ser confrontado com um fato observado, compreende-se que este precisa de explicação e aparenta ser importante. Para explicar o fato observado recorre-se a regras da natureza ou a verdades gerais, que devem tanto explicar o fato retrospectivamente, quanto revelar sua importância. A abdução é um percurso entre o fato e sua origem, um salto instintivo, perceptivo, que permitindo supor uma origem, que pode então ser testada, para provar ou negar a hipótese³. Portanto, abdução é levantar hipóteses. Para Peirce, desde decisões repentinas e inesperadas do cotidiano, até o desenvolvimento de novos avanços científicos, são necessárias hipóteses ou abduções arriscadas e audaciosas, sendo necessário o exercício da suposição⁴.

Ao se tratar da arquitetura popular brasileira – assim como a própria cultura na qual se inclui – que se compõe como uma marchetaria de formas mestiças que se inter cruzam em profusão barroca⁵: nos excessos, nas intransigências e nos paradoxos, para ficarmos somente em três características. Essa marchetaria semovente não funciona por síntese, o que apagaria as diversas contribuições constitutivas, conformando uma nova manifestação homogênea. Tampouco funciona com o simples reconhecimento e categorização de identidades, que se manteriam isoladas reforçando o distanciamento do outro em um pensamento auto-centrado. No caso, o outro, o diferente, o inimigo, são aproximados, avizinados, canibalizados, em processo de tornar-se o outro sem deixar de ser. Operações tradutórias do outro em si e de si no outro em relações barroquizantes, pois exacerbadas pelo constante paradoxo de aproximar o inaproximável, de transbordar os significados além e aquém dos conteúdos lógicos, técnicos ou religiosos, de inflar o significativo com agregações fortuitas e da admissão da investida da natureza, incorporada feito trepadeira, enroscando-se nas minúcias das relações sociais e culturais cotidianas. Assim, não cabe buscar as origens dessa arquitetura no sentido de apontar uma identidade pura que a

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2023/14406-0.

² Espada Lima, 2006.

³ Eco, 2008.

⁴ Eco, 2008.

⁵ Pinheiro, 2013.



tenha miticamente criado. Não faz sentido por inalcançável, inexistente. Cabe, entretanto, ao se mergulhar no crisol dessa mestiçagem, descobrir, dentre as miríades de relações, diferentes contribuições que foram se agregando na composição. Ao se tratar das casas bandeiristas paulistas e, especificamente, no caso, da capela de Santo Antônio, no sítio de mesmo nome, em São Roque, podemos levantar diversas hipóteses de contribuições sefarditas, por meio de famílias de cristãos-novos, judaizantes ou não, que participaram dos processos de sua elaboração. Essas hipóteses partem do estudo genealógico dos primeiros proprietários, encontrando seus antepassados cristãos-novos, muitos com processos que levaram ao cárcere ou à fogueira, julgados pelo tribunal da Inquisição. Partindo deste princípio, são levantadas conjecturas a respeito de algumas decisões arquitetônicas que podem apontar para uma vivência profunda da sua religiosidade, do seu entendimento místico da realidade e do seu estar no mundo, no contexto do Planalto Paulista colonial

2 Contexto cristão-novo para a capela de Santo Antônio

Levantaremos algumas hipóteses sobre possíveis contribuições criptojudaicas na arquitetura da capela do Sítio Santo Antônio, localizado na cidade de São Roque, no Estado de São Paulo, no Brasil. O Sítio e a capela foram propriedade de Fernão Paes de Barros, irmão de Pedro Vaz de Barros, que, por sua vez, fundou a capela de São Roque, então pertencente à vila de Santana de Parnaíba. Ambos eram filhos do Capitão-mor Pedro Vaz de Barros e de sua mulher, Luzia Leme. O Capitão Pedro Vaz de Barros era filho de Jerônimo Pedroso e de sua mulher Joana Vaz de Barros. Segundo Bogaciovas⁶ – de quem retiramos as informações históricas sobre a família que vão a seguir –, deve-se enfatizar que não se conhece nenhuma manifestação de judaísmo entre os descendentes da família Pedroso de Barros ou Vaz de Barros, no Brasil. Nenhum deles foi acusado de seguir a lei de Moisés. Entretanto, o mesmo autor apresenta a narrativa histórica de que o casal de meio cristãos-novos, Jerônimo Pedroso e Joana Vaz de Barros, ligavam-se à pequena nobreza do Reino e à gente de grosso trato da cidade de Lisboa. Casaram-se por volta de 1566, provavelmente em Lisboa, onde tiveram os três primeiros filhos, que foram Bernarda Pedroso, Lucrécia Pedroso e Antônio Pedroso. Bernarda e Lucrécia foram denunciadas por Catarina de Tovar à inquisição, acusadas de ensinar práticas judaicas à Bárbara Filipe, órfã de Isabel Gomes, entregue ao cárcere do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição de Lisboa, em 3 de outubro de 1588, devido ao crime de judaísmo. Inquiridas nos processos, as duas irmãs se declararam cristãs-novas, diferente do que declarou seu irmão Antônio Pedroso, à mesa da 1ª Visitação do Santo Ofício em Salvador, quando disse que seria meio cristão-novo, assim como seus pais. As duas irmãs foram entregues aos cárceres do Tribunal do Santo Ofício da cidade de Évora, em 9 de março de 1591, com confisco de bens. Bogaciovas⁷ sugere que, provavelmente por desconfiar que suas irmãs

⁶ Bogaciovas, 2011.

⁷ Bogaciovas, 2011.



possam tê-lo acusado de cerimônias judaicas, Antônio Pedroso apresentou-se voluntariamente à Mesa do Santo Ofício em Salvador. O autor então reconstroi o percurso de Antônio Pedroso, indo à Portugal reunir o que sobrou da família e então voltando ao Brasil:

Antônio Pedroso retornou para Portugal, onde se deteve por alguns anos, provavelmente em Lisboa. É possível presumir que tenha trazido para seu convívio os irmãos Lucrécia Pedroso e Pedro Vaz de Barros, este ainda um rapaz. Recompunha-se o que restara da família, esfacelada pela Inquisição. Em Lisboa, mercê do seu estatuto social e de sua qualificação pessoal, aproximou-se de Lopo de Sousa, neto de Martim Afonso de Sousa, donatários da Capitania de São Vicente. Dessa relação surgiu o convite para se deslocar até São Vicente na qualidade de representante do donatário. Certamente pediu que o convite se estendesse a seu irmão Pedro Vaz. Desta forma, para cá vieram nomeados, em princípios do século XVII; um como capitão mor, outro como ouvidor. Aqui escolheriam a função que lhes fosse conveniente⁸.

Lucrécia Pedroso confessou práticas judaicas no dia 13 de março de 1591, em Évora. Sabia assinar o nome – algo raro, na época as mulheres dificilmente tinham acesso à instrução. A Mesa do Santo Ofício de Évora, na sessão de 21 de novembro de 1591 considerou que Lucrécia deveria ser posta à tortura, por não falar nada de sua denunciante, Bárbara Filipe. Depois adotou o nome de Lucrécia da Cruz e tornou-se freira capucha do recolhimento de Nossa Senhora da Piedade em Almada. Teria dificuldades em encontrar casamento após ser publicamente infamada, ao sair no auto-da-fé, celebrado no domingo do dia 31 de maio de 1592, em Évora. Usava hábito penitencial para que todos soubessem que havia cometido o “crime” de judaísmo. Somente em 29 de julho de 1596, os inquisidores concederam licença para que tirasse o hábito penitencial.

Bernarda Pedroso foi mulher do cristão-novo Fernão Mendes, mercador em Tavira. Declarou ser cristã-nova, com 23 anos de idade, ser natural de Lisboa e moradora de Tavira, na sessão de Genealogia do dia 12 de julho de 1591, durante seu processo no Tribunal do Santo Ofício. Faleceu nos cárceres da Inquisição de Évora, em 6 de outubro de 1591, da mesma febre que tinha quando foi presa.

Antônio Pedroso de Barros e seu irmão Pedro Vaz de Barros, transferiram-se para o Brasil, em definitivo, ocupando cargos de relevância na Capitania de São Vicente. Antônio Pedroso casou-se na mesma vila com Isabel Leitão, natural de São Vicente,

⁸ Bogaciovas, 2011, p. 10.



um quarto de cristã-nova, filha do Capitão Mor da Capitania de São Vicente, Jerônimo Leitão, homem nobre, e dele não se conhece geração.

Por sua vez, o Capitão Pedro Vaz de Barros, filho mais novo do casal Jerônimo Pedroso e Joana Vaz de Barros, nasceu em cerca de 1579, no Algarve, provavelmente na cidade de Faro. Já era morador no Brasil em 1602. Foi provedor da Santa Casa de Misericórdia da vila de São Paulo e capitão-mor da Capitania de São Vicente e faleceu em 8 de março de 1644, na vila de São Paulo. Casou-se em cerca de 1608, provavelmente na vila de São Paulo, com Luzia Leme, filha de Fernando Dias Pais e de Lucrécia Leme. Era tia de Fernão Dias Pais, o Caçador de Esmeraldas, casado com a cristã-nova Maria do Betim⁹. O capitão Pedro Vaz de Barros e Luzia Leme foram pais de Jerônimo Pedroso, do Capitão Valentim de Barros, de Antônio Pedroso de Barros, do Capitão Luís Pedroso de Barros, de Pedro Vaz de Barros, que foi fundador e padroeiro da Capela de São Roque, da qual se originou a cidade, de Lucrécia Pedroso de Barros, de Fernão Paes de Barros – proprietário do Sítio Santo Antônio – e de Sebastião Pais de Barros (imagem 1).

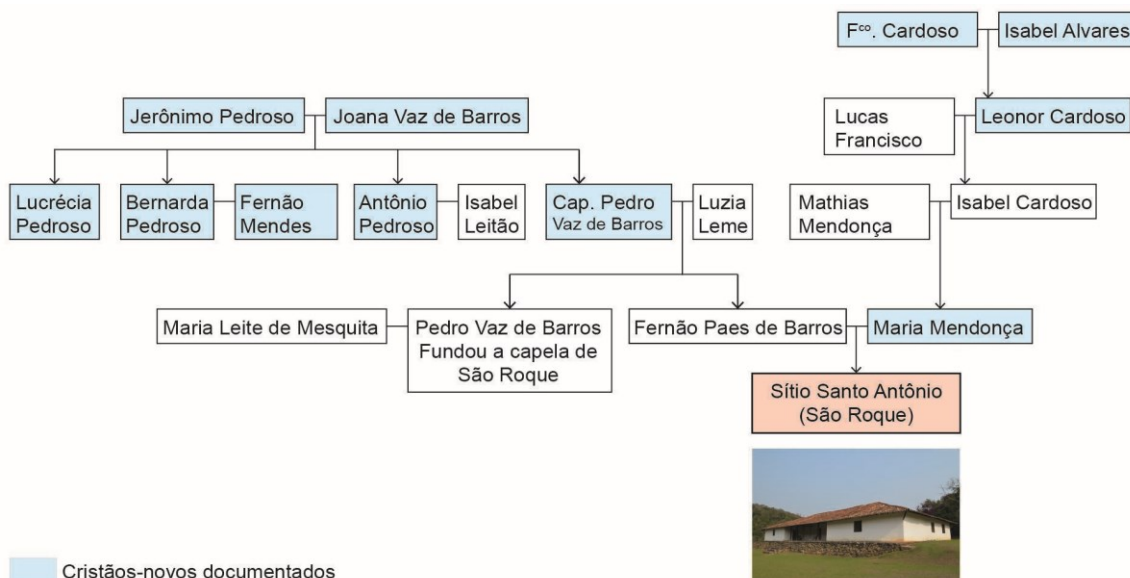


Imagem 1: Árvore genealógica de trecho da família Pedroso Vaz de Barros. Fonte: elaborado pelo autor, 2024.

Pedro Vaz de Barros, o filho, fundou a capela de São Roque sendo devoto deste santo. Segundo Sgarbossa e Giovannini¹⁰, o santo nasceu no século XIV, em Montpellier, na França. Após tornar-se órfão ainda com pouca idade, distribuiu seus bens entre os pobres da cidade e partiu em peregrinação à Roma. Encontrou as cidades italianas tomadas pela peste, ofereceu-se para ajudar e ali teria realizado seus primeiros milagres. Não seguiu diretamente para Roma, caminhando pelo centro da Itália, em

⁹ Bogaciovas, 2006.

¹⁰ 1987.



direção de onde tivesse algum surto de peste. Em Piacenza contraiu a doença, e a peste se manifestou fortemente em uma de suas pernas. Para não se tornar um fardo para ninguém, dirigiu-se para fora da cidade, às margens do Pó, em um lugar deserto, para morrer na solidão. De fato ali teria morrido se não fosse um cão vadio que lhe levava um pão todos os dias e uma fonte prodigiosa não tivesse brotado da terra para alimentá-lo. Por isso o santo é frequentemente retratado com roupas de peregrino e com um cachorro ao lado entregando-lhe um pedaço de pão. Ao sair de Piacenza, Roque dirigiu-se para o norte, entretanto, perto do Lago Maggiore, em Angera, foi confundido com um espião e, por isso, jogado na prisão, onde definhou por cinco anos, até ser levado pela morte, negligenciado e esquecido por todos.

Ironicamente, o santo da devoção católica de Pedro Vaz de Barros passou pelo mesmo tormento de ser preso sem crime e de morrer no cárcere como sua tia, Bernarda Pedroso. Evidentemente não podemos afirmar que o motivo da escolha do padroeiro seja essa coincidência, mas caso seja possível perceber alguma conexão, podemos começar a compreender o tipo de relação que aqueles cristãos-novos – ou descendentes diretos deles –, construíram com a igreja católica.

Sobre essa relação, deve-se levar em conta também que, antes de São Roque tornar-se vila, pertencia à vila de Santana do Parnaíba. Silva e Santana (2022), levantam uma hipótese de natureza etnográfica, segundo a qual, nas localidades em que se registra uma grande concentração de descendentes de cristãos-novos de origem sefardita, a padroeira da cidade costuma ser Nossa Senhora Santana, como são exemplo diversas cidades na região chamada nordeste do Brasil. Para os autores,

O detalhe revelador é que a interpretação reivindicada por esse segmento populacional para a escolha dessa padroeira é justamente o esforço dos antigos cripto judeus em não homenagear a Virgem Maria e, simultaneamente, deixar uma mensagem criptografada para a posteridade¹¹.

Aqueles descendentes de cristãos-novos não identificam em Santana a avó de Jesus de Nazaré, mas sim uma referência críptica à figura da *Shechiná*, a *sefira* feminina constituinte da cosmogonia do misticismo judaico. O termo *Shechiná* não aparece na Bíblia, mas no Talmude, que é a compilação da tradição oral dos rabinos, elaborada entre os séculos I e VI da era comum. Alega-se que a Santana homenageada fazia referência a tal entidade do misticismo judaico porque, de acordo com as explicações cabalistas, ela teria acompanhado os filhos de Israel no exílio¹², no caso, o exílio dos judeus sefarditas para o Brasil. Outro indício apontado pelos autores é de que essa Sant'Ana, na concepção dos descendentes de cristãos-novos, não seria uma referência à avó de Jesus de Nazaré, mas à mãe do profeta Samuel (séc. XI a.e.c.), homônima da

¹¹ Silva; Santana, 2022, p. 15.

¹² Silva; Santana, 2022.



mãe de Maria. Segundo Paulo Valadares, Santana utilizado como sobrenome é “enganosamente católico”¹³.

Temos então desenhado um multifacetado contexto criptografado com as escolhas de São Roque e Santana como padroeiros da localidade: foi aí que Fernão Paes de Barros construiu sua casa e sua capela. Amaral (1981), dissertando sobre a construção da capela, traz a afirmação do Barão de Piratininga de que Fernão Paes de Barros teria construído a capela para apaziguar o “fervor religioso” de sua mulher, D. Maria Mendonça e também pela afirmação social que era construir uma capela:

Uma capela não é uma residência. É um edifício dedicado a Deus. E fosse uma das razões que levaram Fernão Paes de Barros a construí-la “o fervor religioso” de sua mulher D. Maria Mendonça, conforme diz o Barão de Piratininga, citado por Mário de Andrade, ou mesmo fosse essa razão – como diz a provisão do Dr. Francisco da Silveira Dias, protonotário apostólico do bispado para a bênção da capela – derivada “da aspereza das estradas” e que exigia um templo na própria fazenda, a verdade é que edificar uma capela também significava uma afirmação social por parte de quem as construía¹⁴.

Sobre esses dois fatores devemos pesar o fato de que, Bogaciovas¹⁵ afirma que D. Maria Mendonça, mulher de Fernão Paes de Barros era cristã-nova e ainda aponta o preconceito racial de Pedro Taques ao citar o seguinte trecho:

“Foi casado na cidade do Rio de Janeiro com D. Maria de Mendonça, que, conduzida para esta cidade de São Paulo, teve o tratamento que merecia, como esposa de tão nobre cavalheiro, e fazendo-se conduzir em cadeira de telhadilho, a primeira que até aquele tempo apareceu em São Paulo. Não teve fruto algum do seu matrimonio, porque tendo justificada causa para o divórcio ou repudio, **por haver bastante prova contra a pureza de sangue desta senhora**, ficou ela sempre gozando sempre as estimações e tratamento de legítima mulher de Fernão Paes de Barros; mas este se apartou totalmente de fazer com ela vida marital. E assim faleceu sem deixar filhos; e sobrevivendo muitos anos seu marido veio este a acabar a vida aos 30 de março de 1709, com testamento, no qual resplandecem as obras pias do seu fidalgo ânimo”¹⁶.

¹³ Valadares, 2018, P. 124 *apud* Silva; Santana, 2022, p. 21.

¹⁴ Amaral, 1981, p. 74.

¹⁵ Bogaciovas, 2006.

¹⁶ Leme, vol. III *apud* Bogaciovas, 2006, p. 132



O fato é que tanto a avó – Leonor Cardoso –, quanto a bisavó – Isabel Alvares –, de Maria Mendonça, possuem processos¹⁷ na Inquisição de Coimbra, nos quais Leonor Cardoso é acusada de judaísmo, heresia, apostasia e perjúrio e Isabel Alvares é acusada de judaísmo. Portanto, para além do preconceito de Pedro Taques, Maria Mendonça vem de fato de uma família de cristãos-novos judaizantes.

3 Contribuições cristãs-novas: especulações sobre a capela

Amaral¹⁸ aponta como uma natural irradiação do poderio social e econômico de Fernão Paes de Barros nos anos de 1680 a vontade de construir uma capela em sua propriedade.

A primeira suspeita que recai da contribuição marrana na arquitetura do sítio de São Roque diz respeito, na verdade, a quase todas as casas bandeiristas e tem a ver com a implantação no lote. Quanto a esta característica específica, o Sítio Santo Antônio é o que menos se destaca. Gomes¹⁹ explica que:

Segundo o Talmud, o fiel deve estar voltado para Jerusalém ao recitar determinadas bênçãos prescritas em referência aos escritos do livro do profeta Daniel, no capítulo 6, verso 10. E assim como o profeta Daniel tinha as janelas de seu quarto voltadas para Jerusalém, a sinagoga também as deve ter.

Ao se traçar uma linha entre São Paulo e Jerusalém, vemos que esta fica voltada à nordeste em relação àquela. Para Katinsky as casas bandeiristas têm uma implantação norte-sul, entretanto, ao analisar imagens de satélite, vemos que, na verdade, as casas seguem uma tendência de inclinação a nordeste. (imagem 2). O fato torna-se mais interessante ao analisarmos a implantação das edificações nas vizinhanças, bem diferente das casas bandeiristas.

Julio Katinsky propõe, em Casas Bandeiristas, um “conjunto de elementos significativos, que são transmitidos pelo próprio agenciamento e dimensões dos espaços organizados” para as edificações bandeiristas e de tradição bandeirista. Os elementos significativos são:

¹⁷ Processo de Leonor Cardoso: Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Coimbra, proc. 7920. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=2357989> . Acesso em 10 out 2024.

Processo de Isabel Alvares: Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Coimbra, proc. 10079. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=2360302> . Acesso em 10 out 2024.

¹⁸ Amaral, 1981

¹⁹ Gomes, 2011, p. 28



c) voltar as fachadas para o Norte, na imensa maioria dos casos (19 de 22), fugindo assim dos ventos do Sul-Sudoeste²⁰.

A partir disso, podemos supor: estão as casas voltadas para Jerusalém ou a implantação a nordeste é apenas por uma questão climática? Se assim for, por uma solução climática, porque as edificações no entorno não seguem o exemplo?



Imagem 2: vista de satélite das implantações das casas bandeiristas. Na ordem, da esquerda para a direita, de cima para baixo: Sítio do Padre Inácio, Sítio Santo Antônio, Casa do Butantã, Casa do Caxingui, Casa do Tatuapé, Sítio da Ressaca (Jabaquara). Note-se que as casas estão viradas a Nordeste, nem sempre perfeitamente, mas é possível reconhecer uma tendência. Fonte: elaborado pelo autor a partir de imagens do Google Earth, 2024.

Entre todas as casas apresentadas, o Sítio de São Roque é o que menos está voltado para a direção nordeste, numa inclinação entre norte e nordeste. Quanto a isso não é possível precisar o motivo de tal inclinação, ou se havia a intenção de voltar-se para

²⁰ Zanettini, 2005, p. 79.



nordeste como as outras, mas faltou precisão nos instrumentos de localização ou que outros motivos podem ter levado a implantar a edificação daquela forma. Entretanto, tanto o Sítio Santo Antônio quanto sua capela seguem a tendência geral das casas bandeiristas de voltar-se para nordeste, rumo para o qual se encontra Jerusalém.

Apresentando as características hispânicas na arquitetura do continente e em São Paulo, Amaral²¹, explica que o telhado de duas águas prolongado sobre a fachada que se abre para um espaço plano que se acessa por um pequeno lance de escadas é a característica que peculiariza as capelas rurais do Reino do Prata:

Realmente, a fachada (entrada para a caixa arquitetônica retangular, coberta com telhado de duas águas), tem seu telhado prolongado na frente da capela, sobre um espaço plano, elevado, de piso de pedras, ao qual se chega por um pequeno lance de escada. Ora, é exatamente esse prolongamento do telhado, formando como uma antecapela, a característica que peculiariza as capelas rurais do Reino do Prata.

Entretanto, conforme apresenta em seus exemplos, a autora afirma que o fato de tal fachada ser vazada, tanto com o muxarabi, quanto com os balaústres de seção quadrada, dispostos diagonalmente ao eixo, é algo inédito no continente (imagem 3):

Mas é justamente no relacionamento exterior-interior através da composição da fachada, que a pequenina e preciosa Capela de Santo Antônio se distingue das suas congêneres no hoje território da República Argentina. Refiro-me especificamente à permanência desse relacionamento enfatizado mais ainda em Santo Antônio, através da fachada vazada, realmente inédita²².

Quanto aos muxarabis, eram muito utilizados nas antigas rótulas na vila de São Paulo, às quais Marianno Filho²³, diz que eram comuns nos sobrados dos antigos mercadores judeus:

A vinculação profunda da arquitetura portuguesa de expressão popular aos elementos de caracterização árabe, demonstra evidentemente, que o sentimento dos colonizadores lusos era uniforme a esse respeito. As adufas árabes, a que o povo dera o nome de “rotulas” se viam por toda a parte nas casinhas terreiras de porta e janella e nos sobradinhos onde moravam os mercadores judeus.

²¹ Amaral, 1981, p. 75.

²² Amaral, 1981, p. 78.

²³ Marianno Filho, 1943, p. 13.



Quanto à relação à cultura árabe, deve-se recordar que os judeus sefarditas provenientes da Península Ibérica tinham sua cultura arabizada pelo convívio com os árabes durante sete séculos no Al-Andaluz de onde incorporaram tradições do complexo grego-árabe-muçulmano, incluindo aí o uso da língua árabe²⁴. Teria ido Fernão Paes de Barros buscar o gosto pelo muxarabi nos sobrados de outros mercadores judeus enquanto estava na sua casa de São Paulo ou quem sabe a própria casa em que vivia não possuía suas rótulas com muxarabi?

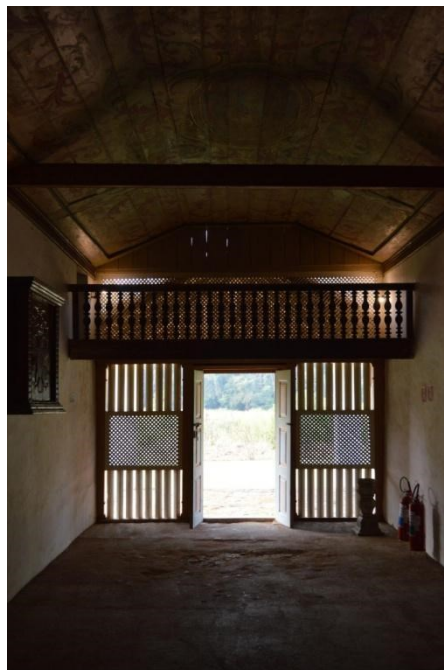


Imagem 3: Fachada vazada da capela com muxarabis. Fonte: acervo do autor, 2024.
Disponível em www.arquigrafia.org

Quanto ao alpendre na frente da capela (imagem 4), Aracy Amaral acredita que é um acréscimo posterior, hipótese não cogitada por Luís Saia em sua análise das ruínas encontradas²⁵. Para o templo judaico, entretanto, a existência do alpendre revela grande importância. Segundo Gomes²⁶, existem quatro ambientes principais de uma sinagoga, que remetem ao Tabernáculo: um pátio externo, um vestíbulo que separa o pátio externo do interior, depois o Santo Lugar, chegando, por fim, ao Santo dos Santos, onde repousava a Arca da Aliança. Quanto ao vestíbulo, esse poderia inclusive ser uma varanda:

Depois do salão principal, o espaço mais importante de uma sinagoga é seu vestíbulo. Como no Templo de Jerusalém, ele cumpre a função de espaço intermediário entre o mundo exterior

²⁴ Laplantine; Nouss, 2017.

²⁵ Amaral, 1981, p. 78.

²⁶ Gomes, 2011.



e o ambiente sagrado. É muito raro encontrar uma sinagoga cuja entrada seja diretamente ligada à rua ou ao pátio. Esse papel pode ser cumprido ainda por um biombo junto à entrada, pátio ou varanda. Nele é comum a instalação de uma fonte de água para fins de purificação, também presente no tabernáculo e no templo²⁷.

Além disso, outro elemento apontado por Gomes²⁸, é a presença simbólica de duas colunas, em referência às colunas do templo, Joakim e Boaz. “Internamente, além destes símbolos, são comuns os usos de referências às colunas chamadas Boaz e Joakim, na entrada do Templo, a “luz eterna” que pende em frente à arca, os símbolos do zodíaco, dentre outros”.



Imagem 4: vista externa da capela, onde se vê o alpendre fazendo a transição entre externo/interno. Fonte: acervo do autor, 2024, disponível em www.arquigrafia.org

As duas colunas poderiam ser representadas pelos dois robustos pilares que sustentam a coberta do alpendre, ou ainda, aos dois pilares de madeira (imagem 5) que foram encontrados no sítio antes da reforma, os quais Aracy Amaral acredita que sustentavam a coberta de um alpendre lateral e que Saia teria decidido remover em sua proposta de restauração²⁹.

²⁷Gomes, 2011, p. 34-35.

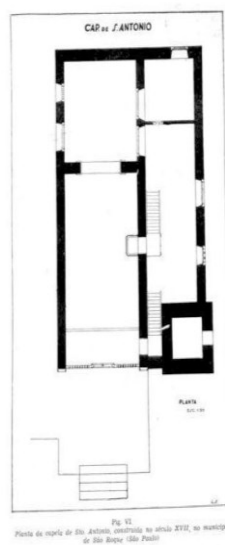
²⁸ 2011, p. 39.

²⁹ Amaral, 1981, p. 87.



Imagem 5: Fuste e capitel em madeira encontrado na Capela de Santo Antônio em São Roque, São Paulo (foto SPHAN). Fonte: Amaral, 1981, p. 86.

Outra interessante reflexão que podemos fazer a partir da caracterização que Gomes³⁰ faz da sinagoga como “um pátio externo, um vestíbulo que separa o pátio externo do interior, depois o Santo Lugar, chegando, por fim, ao Santo dos Santos” é que, ao analisarmos a planta da capela, vemos que segue fielmente essa sequência (imagem 6).



³⁰ Gomes, 2011.



Imagem 6: Planta da capela desenvolvida por Luís Saia. Fonte: Sombra, 2015, p. 133

Após um amplo espaço externo, sobe-se um pequeno lance de escadas, chegando ao alpendre. Em seguida, o corpo da capela, onde estão o coro, os oratórios laterais e o púlpito e, por fim, o último ambiente em sequência que é onde se encontra o altar-mor da capela. Na minuciosa descrição de Amaral³¹ assim se parece a pequena capela:

Um espaço interno que é, em pequeno, o plano das primeiras igrejas do Brasil, a Capela de Santo Antônio conta com a “caixa arquitetônica” retangular, de reminiscência românica, tendo sobre a cabeça do que nela penetra, o coro; à direita da nave, à maneira portuguesa, o púlpito colocado a meia-distância entre o coro e o arco-cruzeiro, delicadamente pintado, inclusive com a visível intenção de substituir – como era comum nos primeiros tempos do Brasil-Colônia – a ausência do relevo pela pintura. Ultrapassado o arco-cruzeiro, encontramos-nos na capela-mor, a cuja direita se abre a sacristia. Este cômodo, que conta com uma parede de pau-a-pique (até hoje enigmática, posto que toda a obra em taipa, como a sugerir também reformas, no século XIX?) que liga a sacristia ao corredor fechado lateral, que conduz ao púlpito como ao coro.

Segundo Gomes³², “a sinagoga pode ser composta apenas do salão de orações ou de outras instalações como salas de estudos, alojamentos, cozinhas, centros comunitários, etc.”. Além disso, podem ser comparadas a edifícios da fé cristã em vários aspectos e que, simplesmente com a remoção da *bimah*, que é uma plataforma, normalmente elevada, de onde são lidas as escrituras sagradas, e com a instalação de um altar, a Sinagoga pode ser transformada em uma igreja, como o que aconteceu com a sinagoga Santa Maria la Blanca, em Toledo, na Espanha. Vemos com isso como é simples a adaptação de um local de culto judaico em local de culto cristão, conforme a necessidade.

Analisando os retábulos, Amaral³³ busca referências em Lúcio Costa, que relaciona os frontões de Santo Antônio e de Voturana como adaptações de elementos de retábulos maneiristas. No caso, as duas soluções não se filiariam aos altares do “1º período”, como classificara Lúcio Costa, mas resultariam de um hibridismo particular. Os dois retábulos já se apresentam como posteriores ao período em que imperava a pintura na decoração dos altares e “apenas dois nichos, no caso da Capela de Santo Antônio, centralizam o enquadramento decorativo dos elementos de talha, o menor, à maneira

³¹ Amaral, 1981, p. 84.

³² Gomes, 2011, p. 18.

³³ Amaral, 1981.



de tabernáculo”³⁴. Seria esse nicho “à maneira de tabernáculo” feito para guardar de fato a pequena imagem de Santo Antônio ou quem sabe uma *torah*? Quanto à dimensão e imponência das imagens presentes na capela (imagem 7), o fato também chama a atenção de Amaral³⁵:

Além do mais, o amplo nicho central pressuporia a presença de imagens mais importantes, de maiores dimensões, muito mais imponentes aos olhos dos fieis, portanto, quanto de mais dificultosa obtenção. Mas, decerto, Fernão Paes de Barros era um dos poderosos da região.

Amaral³⁶ ao longo de seu texto mostra como a falta de recursos nunca foi um problema para o proprietário do sítio Santo Antônio, inclusive mostrando que:

nunca hesitou Fernão Paes de Barros, em época de conhecida escassez de dinheiro, em dar ‘aos oficiais da câmara de São Paulo 300\$000 em moeda corrente, oferecendo também toda a prata da sua copa para que se vendesse, fundisse ou empenhasse para auxiliar a ida de Jorge Soares de Macedo em 1678, por ‘reais ordens’ a ‘Montevideo a descobrimento de minas de prata’.

Portanto, se não era por falta de recursos, o que pretendia explicitar Fernão Paes de Barros com imagens tão simples do santo padroeiro?



Imagem 7: Santo Antônio ainda presente na capela. Imagem pequena, simples e desproporcional. O que pretendia Fernão Paes de Barros com imagens tão simples? Fonte: acervo do autor, 2024.

³⁴ Amaral, 1981, p. 88.

³⁵ Amaral, 1981, p. 88.

³⁶ Amaral, 1981, p. 73.



Quanto aos dois retábulos laterais, Amaral³⁷ mostra que ambos são de período posterior e provavelmente não estavam na capela desde o início. Segundo a autora, Mário de Andrade já havia concluído esse fato, não pela análise dos motivos utilizados na decoração, mas por sua diferenciação estilística do altar-mor. Para Lúcio Costa, ao examinar à luz da temática da videira e dos pássaros, que neles se reproduz em baixo relevo à maneira de friso, mas que já eram motivos incorporados ao barroco, apesar de geralmente tratados em alto-relevo ao redor dos fustes torcidos das colunas salomônicas. Mostra, portanto, a diferença de época e estilo entre o maneirismo recriado do altar-mor e um barroco interpretado de maneira “menos erudita”, no que se refere ao “velho tema bizantino-românico”³⁸.

Por pura especulação, chama-nos atenção um detalhe nos retábulos laterais. Elaboramos aqui uma aproximação que, por si só, seria mera marginalidade na análise. Entretanto, dentro do contexto exposto, cada detalhe pode ser relevante e os “pormenores negligenciáveis” podem ser reveladores. Nos dois capiteis centrais dos dois retábulos, há um ornamento que, se não quisermos entendê-lo como mancha abstrata, podemos dizer que são um lírio ou uma flor de lis, com três pétalas e estilizado. É uma aproximação que, por não trazer maiores consequências, ficamos confortáveis de levantá-la como hipótese. Hipótese tão aproximada quanto essa seria também que os elementos são as letras hebraicas *shin* (ש) e *tzadi* (צ) (imagem 8).

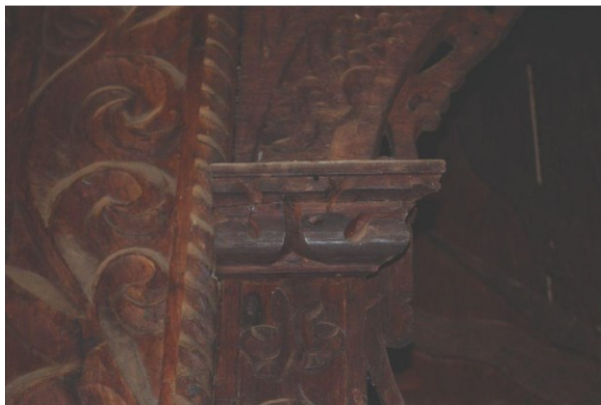


Imagem 8: detalhe dos capiteis centrais do retábulo. Especulação: seriam os elementos centrais dos retábulos letras hebraicas? Fonte: acervo e edição do autor, 2024.

Segundo Seidman³⁹, o *shin* é a letra de “fogo” e que, para o Livro da Criação, o Sefer Yetzirah, o *shin* é uma das três “letras-mães” do Aleph Beit, além do Aleph (ar) e do Mem (água). O *shin* inicia a profunda palavra *Shalom*, que é um dos nomes de Deus, comunicando inúmeros significados, como paz, completude, plenitude, consumação, força, segurança, saúde, pureza, integridade e perfeição. Também é a primeira letra de

³⁷ Amaral, 1981.

³⁸ Amaral, 1981, p. 92.

³⁹ Seidman, 2005.



Shaddai, outro nome de Deus, representando uma força vivificante feminina antiga e primal. A letra *shin*, enquanto primeira letra de *Shaddai*, aparece na ombreira da porta das casas dos judeus de todo o mundo, inscrita na parte de fora da *mezuzah*, um pequeno estojo contendo um pergaminho com a prece “*Shema Yisrael*”, prece que também inicia com a letra *shin*.

Já sobre a letra *tzadi*, Seidman⁴⁰ explica que o nome dessa letra está relacionado à raiz hebraica de “justo”, “honesto” e “íntegro”, raiz que denota devoção, bondade, justiça e integridade. Assim, o *tzaddik* é o justo, que ajuda, com sua virtude e boas ações, a sustentar o universo. Mesmo quando vive inteiramente só, incógnito à margem da sociedade, serve e sustenta a comunidade e o mundo. É uma letra que inicia várias palavras referentes a grupos ou comunidades, como *tzibur*, que significa “comunidade” ou “congregação” e *tzevet*, que significa equipe, enquanto *tzeddakah* é “caridade”, uma ação justa que conecta as pessoas.

As duas letras juntas indicariam ali um lugar de paz e justiça para a comunidade ou para a congregação, que enfim poderia estar conectada?

Essa não seria a primeira vez que os cristãos-novos usariam letras hebraicas para marcar sua verdadeira crença. João Ramalho teria utilizado a letra kaf (כ) em sua assinatura na época que estava na câmara de vereadores de São Paulo. Para Silva⁴¹, além de apontar seu judaísmo, mostra que o velho bandeirante também era seguidor da Cabala. Com o gesto, João Ramalho opunha sua fé à católica apostólica romana, afirmando sua individualidade, destacando-se dos seus parceiros e salvando sua consciência.

Sendo conhecedor do meio social em que vivia, fazia o ato simbólico de resistência, com a certeza de que ninguém descobriria naquele símbolo hermético a significação cabalística que pretendia. Assim sendo, ele não revelaria o que era, evitando a perseguição, mas não deixaria de continuar a ser, perante D’eus e sua consciência, um judeu místico, protagonizando uma história subterrânea⁴².

Ainda segundo Silva⁴³, na perspectiva cabalística, as vinte e duas letras do alfabeto são forças primárias espirituais que formaram a matéria-prima da Criação. Com tal concepção, a palavra “letra” significa um sinal ou maravilha. Assim, as diversas

⁴⁰ Seidman, 2005.

⁴¹ Silva, 2016

⁴² Silva, 2016.

⁴³ Silva, 2016.



combinações das letras hebraicas, nas diferentes e complexas formas de organização, apresentam infinitas possibilidades de forças cósmicas.

Considerações finais

As hipóteses aqui levantadas passam por detalhes, pequenos desvios do cotidiano prático da difícil vida na São Paulo dos primeiros séculos. Não são suficientes para afirmar que se levasse uma vida judaica no dia-a-dia, mas podem despertar a atenção para a ideia de que a cultura judaica estava muito mais presente na formação histórica do Brasil do que se costuma apresentar. É impossível afirmar o uso de sinagoga da capela de Santo Antônio, seria um absurdo. Entretanto, enquanto prática costumeira da família, é possível que elementos do culto judaico tenham se entranhado em seus processos mestiços, de maneira subterrânea, oculta. É possível que o criptojudaísmo tenha permanecido apenas em religiosidades esotéricas, às escondidas, obscurecidas pelos panos da dissimulação. Todavia, ao analisarmos com a devida atenção, procurando revelar o que está oculto nos paradoxos e ilusões desse barroquizado percurso de engastes, trocas e negociações de culturas é possível vislumbrar que as heranças sefarditas fazem-se ainda presentes, incrustadas na religiosidade, nas paredes e nas vozes brasileiras.

Referências

- AMARAL, Araci Abreu. *A hispanidade em São Paulo: da casa rural à Capela de Santo Antônio*. São Paulo: Nobel: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.
- BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral. *Tribulações do povo de Israel na São Paulo Colonial*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Dissertação de mestrado, 2006.
- BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral. *Uma família paulista quatrocentona de origem cristã-nova: os Pedrosos e Vazes de Barros in SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS INQUISITORIAIS*. Salvador, agosto de 2011.
- ECO, Umberto. *O Signo de Três*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- ESPADA LIMA, Henrique. *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.
- GOMES, Sergio Rugik. *A arquitetura das sinagogas: exemplos relevantes e sua transformação no tempo*. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Dissertação de mestrado, São Paulo, 2011.
- LAPLANTINE, François; NOUSS, Alexis. *A mestiçagem*. Lisboa: Instituto Piaget, 2017.
- LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*. Volume III, pp. 208-209.



MARIANNO FILHO, José. *Influências Muçulmanas na arquitetura tradicional brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. A Noite, 1943.

PINHEIRO, Amálio. *América Latina: Barroco, cidade, jornal*. - São Paulo: Intermeios, 2013.

SEIDMAN, Richard. *O oráculo da cabala: ensinamentos místicos das letras hebraicas*. São Paulo: Pensamento, 2005.

SGARBOSSA, Mario e GIOVANNINI, Luigi. *Il Santo del Giorno*. Roma: Edizioni Paoline, 1981.

SILVA, Marcos. *A Assinatura de João Ramalho e o seu Significado Histórico in Cultura, memória e poder: história e historiografia*. Organizadores: Antônio Fernando de Araújo Sá, Bruno Gonçalves Alvaro. Recife: Editora UFPE, 2016.

SILVA, Marcos. SANTANA, Vitória Santos. *A deusa judia que se exilou no sertão: etno-história de um mito cabalista*. Natal : Sebo Vermelho, 2022.

VALADARES, Paulo. *A “gente de Palmares” e os outros: sobrevivências judaicas em Sergipe*. São Paulo: Lura Editorial, 2018.

ZANETTINI, Paulo Eduardo. *Maloqueiros e seus palácios de barro: o cotidiano doméstico na casa bandeirista*. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Tese de Doutorado, São Paulo, 2005.

Enviado em: 30/09/2024

Aprovado em: 30/10/2024